

Os mal-ditos da democracia

*Paulo Endo**

Resumo

Esse artigo preocupa-se em aprofundar a convocação global difundida pela extrema-direita. Mobiliza os argumentos de algumas pensadoras e pensadores contemporâneos que têm alertado, há décadas, sobre o ataque a direitos, a prontidão de governos para a execução de políticas de extermínio de grupos e pessoas e o apoio crescente das massas a tais discursos e práticas. Recorre ao pensamento de Sigmund Freud que indicava perigos iminentes no projeto de construção da civilização. Civilizar, progredir e enriquecer não apenas sempre foram uma possibilidade para poucos, mas, hoje, esses poucos pretendem dar as cartas sobre quem estará nos lugares privilegiados da prosperidade e da civilização.

Palavras-chave: DEMOCRACIA; CIVILIZAÇÃO; EXTREMA DIREITA.

The cursed ones of democracy

Abstract

This article seeks to delve deeper into the global call spread by the far right. It mobilizes the arguments of some contemporary thinkers who have been warning for decades about the attack on rights, the readiness of governments to implement policies of extermination of groups and individuals, and the growing support of the masses for such discourses and practices. It uses the thinking of Sigmund Freud, who pointed out imminent dangers in the project of building civilization. Civilizing, progressing, and becoming rich has not only always been a possibility for a few, but today, these few intend to call the shots on who will be in the privileged places of prosperity and civilization.

Keywords: DEMOCRACY; CIVILIZATION; FAR RIGHT.

Les maudits de la democracie

Résumé

Cet article cherche à approfondir l'appel mondial lancé par l'extrême droite. Il mobilise les arguments de certains penseurs contemporains qui alertent depuis des décennies sur les atteintes aux droits, la volonté des gouvernements de mettre en œuvre des politiques d'extermination de groupes et d'individus, et le soutien croissant des masses à de tels discours et pratiques. Il utilise la pensée de Sigmund Freud, qui a souligné les dangers imminents du projet de construction de la civilisation. Civiliser, progresser et devenir riche n'a pas seulement toujours été une possibilité pour quelques-uns, mais aujourd'hui, ces quelques-uns entendent décider qui occupera les places privilégiées de la prospérité et de la civilisation.

Mot-clés: DEMOCRACIE; CIVILIZATION; EXTREME DROITE.

* Psicanalista, pesquisador e professor Livre-Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos, Democracia e Memória do Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP).

E-mail: pauloendo@uol.com.br

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0003-3993-4786>

Para milhões de pessoas no mundo, o tempo não é dócil e a celebração dos mortos como transmissão e tradição é quase impossível. Lápides, rituais, celebrações não encontram lugar para essas pessoas, porque não se abre um hiato no tempo e no espaço para a vida que resta, após uma dor que salga e condena e que atua como urgência sempiterna e sem termos, impossibilitando, fraturando ou mesmo impedindo os trabalhos de luto e a continuidade psíquica de quem sobreviveu.

Esse processo foi pensado por Judith Butler (2006), que retoma a ideia da vida precária, amparada nas reflexões de Levinas (2008). Ela sugeriu o desaparecimento do humano como imerso num vórtice de imagens que ocultam o rosto para que se assuma, em seu lugar, o espetáculo. Antes dela, Walter Benjamin (1935/1936a, 1936) já havia alertado para esse espetáculo subsumido na estetização das guerras, ante o qual o pequenino e quebradiço corpo humano, ridículo e irrisório, desapareceria a propósito e como efeitos nada importantes, porém necessários das guerras que se erguem sobre pilhas de cadáveres. Corpos de humanas e humanos não têm qualquer importância se não servirem como anteparo e alvo nos quais são testadas bombas, projéteis, munições, drones letais e a infinidade de dispositivos que os acompanham na tecnologia avançada para estraçalhar pessoas e alienar mentes.

São as guerras e sua presença nas mídias certamente, mas também toda uma indústria bilionária do entretenimento que se move para banalizar o que seria a experiência de cometer ou sofrer a violência por outra humano, que desconhece o reconhecido e o torna irreconhecível. Trata-se, portanto, do ódio ao semelhante uma vez constatada a semelhança.

A semelhança que hoje nos assombra é aquela pleiteada pelo ideário dos direitos universais e humanos, em cujo cerne repousa a impossibilidade da igualdade e a precariedade da distribuição e execução do direito para todas e todos. Se somos semelhantes será essa mesma semelhança que nos atizará a desconhecer grandes semelhanças para afirmar pequenas diferenças. Freud antecipava em 1921 a consequência que teriam e têm as promessas não cumpridas em torno da semelhança e, como sucedâneo desse fracasso, a emergência da afirmação de diferenças, que se privatizam abandonando a experiência do público e do comum.

Uma máxima ressoa em toda parte: ‘esqueçam a ideia de humanidade, ela fracassou, e apostem na ideia da mesmidade, da irmandade dos iguais, da grupalidade segregacionista e da familiaridade incestuosa para entrarem com tudo na luta pelos poucos direitos que ainda restam para poucos.

O mundo de privilegiados é limitado, pequeno e escasso. Não se trata, portanto, de derrubar seus muros, mas de hackear o ingresso para dentro a fim de usufruir de benefícios exclusivos.

A própria Judith Butler (2006) foi quem sugeriu que, nas costas do impasse ético que perdura em negar e afirmar uma humanidade, ou na transição possível de reconhecer em algo alguém, se inscreveria, de maneira necessária a possibilidade do luto. Sem ocultação, sem velamentos, sem espetáculo os deveres para com o luto, portanto sua ética, só se tornam possíveis quando dois rostos se entreolham e, de algum modo, se reconhecem sem indiferença, ainda que se possa querer matá-lo ou salvá-lo ao reconhecê-lo.

Por isso, para Freud, não há luto coletivo porque só podemos enlutar o que, de algum modo, foi reconhecido como próprio ou, se quisermos, semelhante ou narcisicamente comovente. A dimensão política do luto, entretanto, não nos ocupará aqui e agora. Mas planta, por ora, nosso ponto de partida.

Esse rosto humano que, pensando com Levinas é aquele que nos devolve a alteridade de desejar e a possibilidade de decidir matá-lo e/ou salvá-lo; esse impasse

ético que sempre atravessará aquele que enfim enxerga em outrem um rosto e precisa decidir se o matará, reconhecendo-o como inimigo e ameaça, ou o salvará como amigo com quem se pactua o devir. Essa possibilidade do rosto é, contudo, ocultada, borrada ou sucessivamente estereotipada e repetidamente exposta, para que esse entreolhar não aconteça. Trata-se do culto à indiferença e da massificação das formas de ver, sentir e pensar cujo resultado é a cegueira deliberada, o sentimento como álibi para a irresponsabilidade e o fim do argumento.

Precisamos sempre buscar onde estão os rostos das palestinas, das negras, das refugiadas, da população LGBT, das pobres em toda parte e das condenadas pela justiça. Seus rostos quase não existem nas rápidas e grandiloquentes notícias abundantes, frenéticas e abusivas sobre corpos empilhados e rigorosamente iguais. Também não são rostos que vemos nos semáforos, ruas e viadutos, é apenas o conglomerado da indiferença que ratificamos e executamos.

Hoje, porém, não se trata apenas de uma indiferença deliberada, mas também de uma impotência que mina as ações presididas por princípios que, por sua vez, se desgovernam ante a consolidada produção da desigualdade e da bestialidade em toda parte. Não apenas o que fazer, como resistir, como instrumentar formas de luta eficazes e vitoriosas entrou para o terreno insabido, como também a crença nos seus princípios também foi colocada de joelhos, ante imensas vitórias da selvageria nas urnas, nas ruas e nos parlamentos e em diferentes lugares e países.

Todavia, e a propósito disso, uma conhecida retórica move-se para confirmar e condenar os que não têm rosto, prometendo perpetuar as estratégias de ocultação e abuso de rostos, corpos e cadáveres, e que nomeamos, como o movimento político da ascensão da extrema-direita global.

Um erro absoluto tomou conta da ideia de representatividade política ao incluí-los entre uma das vertentes políticas partidárias; permitir a eles disputarem pleitos enquanto prometem derrubar as democracias; autorizar e legitimar candidaturas, que explicitamente se comprometem a atacar os direitos humanos e fundamentais e as constituições de seus respectivos países e ceder espaços permanentes nas mídias para que propaguem suas atrocidades. Denominou-se extrema-direita, mas é uma canibalização o que está em curso

Ela hoje fala muito, nomeia-se, bate no peito, discursa e debate, demonstrando que entrou definitivamente nas disputas pelos lugares mais altos do poder. Seus representantes servem-se de uma contralíngua que se infunde e se apresenta como fala, produzindo colapsos no que haveria de alteritário no ato de dizer. Sabemos, nem sempre a fala se constitui como alter, mas como idem, e essa convocação ao idêntico nos altofalantes tem atordoado os que desacreditavam há poucos anos, da ressurgência das ditaduras e tiranias (Endo, 2013).

Discursos, altercações e uma contralíngua ruidosa, pública e incessante têm servido de anteparo para inúmeras convocatórias que suportam e ancoram violências radicais e brutais. É a linguagem das oposições binárias, das dicotomias sanguinárias e das guerras, pequenas e grandes, e prestam-se apenas a serem trilhos para paixões e interesses pessoais que se coletivizam, convocando as massas em cenários de eleições livres e justas e estão igualmente determinadas, a abrir caminho com golpes anunciados de força bruta, cumprindo promessas das respectivas campanhas eleitorais.

Se esclarece hoje que essa contralíngua se politizou e se massificou de maneira inédita e é efetiva em comunicar e gerar adesão através dos arautos da extrema-direita em todo o mundo. Aceitar seus líderes como representantes de um espectro político (extrema-direita), significa que a política se degradou a ponto de assumir políticas de

extermínio, segregação e ataque frontal a direitos civis e humanos como parte inerente de políticas de governo, pondo a pique os melhores ideários das democracias.

Os ataques desse grupo violento, extremo e de direita, serão sempre contra a institucionalidade das organizações, hoje em crise, que regulam e defendem as democracias, os direitos humanos e o direito à vida pacífica e autônoma de todos os povos originários e comunidades tradicionais. Grupos que lutam para existir em toda parte, já que muitos já foram extintos por adeptos desse mesmo grupo no passado.

Essa contralíngua desdiz no mesmo ato em que estreita a linguagem ao ponto de convertê-la numa palavra retroativa, que se serve de um suposto outro (alter) para confirmar o mesmo (idem). O mesmo que mostra sua face obscurecida pelo cinismo e pela convicção na abundância de sua imagem, para ocultar os rostos das demais. Há os outros, mas são sem importância quando se trata de afirmar os privilégios do mesmo e suas ambições ilimitadas que incluem a possibilidade de tirar a vida daqueles que não importam.

Foi, o que Judith Butler (2006) com as vidas precárias, Giorgio Agamben ilustrou com a figura ambígua do homo sacer (2007), e Mbembe (2018) com os objetos humanos da necropolítica. Todos alertam para a politização de assassinatos, genocídios e extermínios como políticas de governos, estados e instituições e todos aprofundaram suas análises evidenciando a cumplicidade das teorias (epistemicídio em Butler), dos governos (necropolítica em Mbembe) e do sistema jurídico em Agamben, no engendramento daquilo a que hoje assistimos como o plano global de poder da extrema-direita violenta, organizada em todos os continentes.

Suas estratégias são bem evidentes. Negando saberes tradicionais e científicos, atacando universidades, preparando polícias e exércitos como guardas pretorianas e aliciando tribunais e operadores do direito nos sistemas jurídicos nacionais, eles trabalham para se perpetuar no poder que lhes concede o uso abusivo de violências e compreenderam perfeitamente as fragilidades das democracias. Seu êxito pode ser exemplificado com o que Trump (nos EUA), Orbán na Hungria, Andrej Duda na Polônia, Maduro na Venezuela, Putin na Rússia, Duterte nas Filipinas e Bolsonaro conseguiram fazer com as supremas cortes aparelhando-as ou atacando-as continuamente.

Sem alcance fora dos domínios do mesmo, essa contralíngua converte, alicia, seduz e atrai gerando dinâmicas de forças de atração identitárias que, por sua vez, condensam formas de pertinência complexas e tem atraído milhões de interessados em dar livre curso às próprias violências, ilegalismos e arbitrariedades. Nas redes e plataformas virtuais onde se amontoam, proliferam e aliciam operam com maçarocas de palavras e frases sem sentido para muitos, mas que excitam, incitam, comovem e criam um circuito afetivo que autoriza devastações nas ruas, nos parlamentos, no sistema judiciário, nas mídias e nas instituições.

O papel e lugar dessa contralíngua³ é lançar-se materialmente contra corpos, como um projétil, objeto pontiagudo ou arma letal. É uma língua contrária e afiada manchada de sangue que se orienta para penetrar profundamente na carne, pleiteando para as palavras uma materialidade literal e brutal, que faça as vezes de golpes secos e físicos. Palavras desferidas para provocar choque literal entre a matéria da palavra densa e compacta e o corpo desprovido de sujeito e de psiquismo. Sua função é nomear um corpo oco e aprontá-lo para a recepção de toda e qualquer violência justificada, conclamada e convocada por essa contralíngua.

Perplexos, temos constatado que essa comunidade imensa reunida, adepta e comandada, por essas palavras e/ou palavras e suas ações e reações, não podem ser desfeitas com as estratégias usuais e institucionais das democracias, e eleições livres e

justas são hoje, sua principal e bem-sucedida estratégia para alcançar os púlpitos do poder e ali se perpetuarem.

De outro modo, essa língua contrária tem poder convocatório impressionante e seus porta vozes assumem posições de comando executivo pela via de eleições livres que, até ontem, eram apanágio das democracias modernas. Desse modo, uma vez instauradas por via democrática, essas ditaduras trabalham para corroer os mecanismos institucionais que foram legislados para proteger as democracias, procurando rompê-los na sua própria ossatura, a fim de perpetuarem sua espécie exclusivista. Os exemplos são cada vez mais numerosos e aqui tomo algumas expressões flagrantes dessa contralíngua que tem encantado milhões de eleitores e eleitoras em todo mundo.

Nas Filipinas, durante mandato de Rodrigo Duterte sobre as opositoras de seu regime, nomeadas terroristas: "Digam aos soldados: há uma nova ordem: Não te mataremos. Te dispararemos na vagina", e prossegue: "'sem vagina, seriam inúteis".² O 'herdeiro' de Ferdinand Marcos, Duterte comandou uma polícia assassina durante seu governo, sob as escusas de combate ao terrorismo.

E Milei na Argentina:

Estamos diante do fim do modelo da casta, baseado nesta atrocidade de que onde há uma necessidade, nasce um direito, mas se esquecem de que alguém tem que pagar por esse direito, cuja expressão máxima é essa aberração chamada justiça social, que é injusta porque implica um tratamento desigual perante a lei", disse, opondo-se à ajuda social recebida por mais de 19 milhões de pessoas em um país onde a pobreza afeta 40% da população (...) ⁴

E Andrej Duda na Polónia:

Nunca concordarei com declarações de que os poloneses, como nação, participaram no Holocausto ou que a Polónia participou no Holocausto. Isso nos humilha e nos machuca. Na minha própria família, houve pessoas assassinadas pelos alemães, e antes de tudo [para dizer o contrário] atenua o que realmente aconteceu (tradução minha)⁵

Andrej Duda, se vocês se lembram, propôs e ratificou a lei que criminaliza aquelas e aqueles que acusarem o governo polonês ou a Polónia de participarem do holocausto. O que obviamente inclui muitas pesquisadoras e pesquisadores polonesas e poloneses (Engelking).

E Giorgia Meloni na Itália:

Sí a la familia natural, no a los lobbies LGTBI; sí a la identidad sexual, no a la ideología de género; sí a la cultura de la vida, no al abismo de la muerte; sí a la diversidad de la cruz, no a la violencia islamista.⁶

E Jair Bolsonaro: "Ele merecia isso: pau de arara. Funciona. Eu sou favorável à tortura. Tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também" (1999). E ainda: "[O policial] entra, resolve o problema e, se matar 10, 15 ou 20, com 10 ou 30 tiros cada um, ele tem que ser condecorado, e não processado" (2018). E sobre o Massacre do Carandiru, o mesmo Bolsonaro afirma: "Morreram poucos. A PM tinha que ter matado mil" (1992). Em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo em janeiro, o então candidato respondia a um questionamento sobre o auxílio-moradia que recebia da Câmara:

“Como eu estava solteiro na época, esse dinheiro do auxílio-moradia eu usava para comer gente (2018)”⁷.

Hitler, em discurso sobre os poloneses em 1940:

Os poloneses [acentuou Hitler] nasceram especialmente para o trabalho pesado (...). Não é preciso pensar em melhorias para eles. Cumpre manter, na Polônia, um padrão de vida baixo, não se permitindo que suba (...). Os poloneses são preguiçosos e é necessário usar a força para obrigá-los a trabalhar (...).⁸

E sobre portadores de deficiência:

Você deve garantir que apenas os indivíduos saudáveis tenham filhos, porque o fato de que pessoas doentes ou incapazes colocam crianças no mundo é uma desgraça, então abster-se de fazê-lo é um ato altamente honroso.

Em Mein Kempf:

Quien no esté sano física y mentalmente no puede pretender inmortalizar su sufrimiento en su descendencia. A quien ya no posea la fuerza de luchar por su propia salud, se le negará el derecho a vivir en este mundo que supone una lucha constante.⁹

E Donald Trump, insinuando que Megyn Kelly, apresentadora do canal Fox News, que o tinha confrontado com os seus insultos às mulheres, estaria menstruada (2016): “Como puderam ver, ela tinha sangue a sair dos seus olhos, sangue a sair de todo o lado”¹⁰.

Vou construir um grande muro - e ninguém constrói muros como eu, acreditem - e a um preço baixo. Vou construir esse grande, grande muro na nossa fronteira do sul e vou fazer com que seja pago pelo México. Registem as minhas palavras (Discurso de lançamento da candidatura presidencial na Trump Tower, 16 de junho de 2015)¹¹.

Em comum, todos pregam a segregação clara a incidir sobre a materialidade dos corpos das que devem ser segregadas, aviltadas, degradadas. No poder, a pregação logo se converterá em políticas públicas de segregação em massa. Para os não aderidos sobra a percepção ambígua de que o que antes eram expressões restritas a um bando de lunáticos e fanáticos prospera e alcança, de modo crescente, flagrante e devastador, a maioria da população em muitos países em todo o mundo.

A convocação selvageria emitida pela contralíngua angaria governos, parlamentares, forças policiais inteiras, exércitos e infraestrutura, exacerbando planos ultranacionalistas que diuturnamente constroem, proclamam e convocam o direito à destruição e à indiferença dos rostos para que emergjam e sobressaiam os caras de pau.

Aqueles que governam nações ancorados exclusivamente nos próprios interesses, de suas famílias ou nas previsões de seus cães clonados, como Javier Milei¹² comandam nações e trabalham para esvaziar o sentido do comum. Seres caninos, selvagens, disponíveis e prontos para se submeter ao dono e atacar os inimigos são seguidores e seguidoras. A predileção canina desses líderes é emblemática do ódio ao pensamento e sua determinação a produzir comportamentos. Senta, finge de morto, quieto, ataque são comandos atendidos em troca de afago e ração (Endo, 2018).¹³

Comportamentos sobre determinados por uma emocionalidade que se organiza, primeiro binariamente (nós contra eles), depois morbidamente (vamos

exterminá-los). Para isso, esses líderes odeiam e ridicularizam ou aparelham o direito e suas instituições constituídas e convidam todas a saborear o arbítrio da violência e a praticá-la, colocando assim em ação seus próprios sentimentos, até então envergonhados ou acanhados e implícitos, libertando comportamentos antes coibidos ou desvalorizados socialmente.

O desgosto pessoal instaura, portanto, políticas de extermínio, práticas genocídrias e a necropolítica como forma institucionalmente aceita de governo que se naturaliza em todos os continentes. Lembremos que o exemplo *princeps* de Mbembe (2018) é a Palestina, bem antes dos acontecimentos que hoje testemunhamos.

No contrapé de uma ruidosa, agressiva e frontalmente eliminacionista forma de sentir que preside e instrui formas de pensar, testemunhamos projetos e planos de eliminação de grupos específicos, sempre opositores ou não aderidos, criando um cenário de guerra civil interna permanente, pautado no fortalecimento e aliciamento das polícias e exércitos nacionais que estão avançando em todas as direções. Eles têm como alvo as comunidades pobres nas quais assumem o comando absoluto, baseado na ameaça e na negociação, por vezes ininteligíveis para nós, como observa Paes Manso (2020) em seu importantíssimo livro *A Republica da Milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro*.

A força bruta caminha a passos largos e bem-sucedidos para ridicularizar o pensamento, a metáfora, o argumento e a cultura em sua totalidade. É a aclamação do sentimentalismo e a consagração e expressão de uma emocionalidade e passionalidade sem mediações. A não violência é ridicularizada e um novo valor “a selvageria” contamina multidões que se reconhecem no poder prometido de reduzir outros a restos sem rostos.



Regina José Galindo: *Performance das guerras internas na Guatemala contra os “pueblos”*.

Muitos ficaram e estão estupefatos ante o fato de que todo o arcabouço civilizatório acumulado está sendo pouco a pouco lançado a lata do lixo, por via de eleições e escolhas de milhões, que aprontam seus governos para uma longa e permanente cultura da obediência, da fé cega e da ilusão da mesmidade, instruída e coagida pelo medo e pela libertação emocionada de vontades e desejos pessoais. A célula narcísica autofágica que define o gostar ou não gostar, hoje pauta a política e se expande, a pulsionalidade mortífera arregimenta narcisismos em planos de curtíssimo

prazo: tomar o poder agora e destruir as/os divergentes minando uma ética pautada pelo convívio das indiferenças.

Mas tudo depende primeiro do que o governante de ocasião gosta ou deixa de gostar para executar políticas de massa segregacionistas, violentas, restritivas para os opositores, ou instalando relações ambíguas com as populações e comunidades a serem espoliadas, e distribuir privilégios para os iguais, para os quais prometem benefícios, tal como na dinâmica miliciana endofágica nas comunidades das grandes capitais, como demonstrou Paes Manso (2020).

Nesse cenário, bastante conhecido, o que gostaria, portanto, de destacar seriam as palavras mal-ditas (contralíngua) que não alcançam os cânones do bem dizer, da boa e talvez, obediente gramática, e que reivindicam um lugar para a fala denominada ofensiva, ignorante, chula ou escroque. Uma palavra que toma a emoção como sua única ordem e eleva a paixão ao *status* de ordem e comando. Ela designa, conclama os/as, até então mal-ditos da democracia e os convoca: ‘mal ditos do mundo uni-vos em torno das urnas e tomemos o poder para, aparelhados com os exércitos, polícias e orçamentos dos estados deflagrarmos a ordem exclusivista por meio da violência extrema!’

Repletas de gritos, bravatas, comandos, ofensas ou latidos essa falação prospera e comove e convence. E enquanto ladram e mordem, avançam sobre os que desacreditam que uma ordem canina quer assumir definitivamente o comando, impondo uma ordem exclusivista, extremamente violenta e autofágica.¹⁴

De outro lado, testemunhamos estarecidos que, nessas últimas eleições municipais, 856 cidades não têm candidatos à esquerda para prefeito/a e vereadoras/es. Largam-se 15% dos municípios brasileiros nas mãos da direita ou extrema-direita.¹⁵

Do cercadinho do Palácio do Planalto ainda lembramos, quando ouvíamos diariamente o ex-presidente, hoje inelegível, ressoar as vozes altissonantes de lideranças que atuam deliberadamente contra direitos, mas que têm alcançado sucessivamente o poder pelo voto. As vozes genocidárias, nesse sentido específico, também são, por definição, radicalmente idem-titárias. Não estranhamente a família do inelegível ocupa todos os lugares do parlamento com o mesmo comportamento familiar (Senado, Câmara dos Deputados e Câmara dos Vereadores) enquanto o pai exercia a presidência. Um projeto completo estava se consagrando e sendo eleito e o fenômeno da candidatura de Marçal na cidade de São Paulo, nesse ano de 2024, ratifica todas as previsões.

É a miliciarização e o oportunismo dos ilegalismos impunes que se instaura como modo operante nas instituições políticas do estado. Isso nada mais é do que a inclusão da violência direta e aberta nas negociações políticas no interior dos poderes da república, que antes ocorriam entre quatro paredes pelas práticas disseminadas pelo centrão.

A fantasia da mesmidade gera a experiência do igual e idêntico, cria um ponto de chegada sem conflitos e não se realiza psiquicamente como projeto. A mesmidade define a urgência do aqui e agora e mina a imaginação sobre consequências, o depois e o amanhã, calcinando o porvir. Suas práticas institucionalizadas têm fôlego para instabilizar qualquer sentido do diverso, do público e do comum e instaurar o direito à violência como propósito pelo fascínio que a eficácia da violência gera. Isso indica que estamos bem longe do debate ideológico como definidor na política, mas o sentido de qualquer resistência hoje se conclama também pela preservação da própria vida e de nossos descendentes, que está ameaçada seriamente num futuro que já se desenha. Nós estamos, portanto, ou deveríamos estar lutando também pela própria vida e pelo porvir,

defendendo, ao menos, o que em breve se pode converter em nossas pequenas diferenças que selam grandes indiferenças.

Os paradigmas que conclamam as massas para a oposição genocida ainda são gestados, 100 anos após Freud (1921) introduzir o problema do amor e o ódio na formação de fenômenos de massa, nos exércitos e nas igrejas. Lá onde a aprendizagem da obediência emocionada e servil é transmitida e aprendida. Ambos os exércitos, polícias e igrejas, ainda são decisivos em eleições e na composição de governos em muitos países que, desse modo, instruem estados não laicos e potencialmente ditatoriais que dominam todos os principais organismos internacionais por participação e liderança ativa ou poder de veto.¹

A representação do ocaso no Brasil ainda são as igrejas, não apenas, mas sobretudo as evangélicas, que realizam verdadeira e eficaz política de massas, e o exército, que se atualiza sempre pelo medo e dependência continuados que governos sucessivos têm demonstrado dos generais.

Em *A Violência no Coração da Cidade*, publicado em 2005, sugeri que o esquema do aparelho psíquico proposto por Freud, na ocasião da publicação da *Interpretação dos Sonhos* (1900), trazia também indicadores da conversão quase absoluta e completa da atividade psíquica à ação, ou à reação em determinadas circunstâncias extremas de privação, risco e sofrimento indicando que o psiquismo ficara atordoado, sem o tempo de trabalho necessário ao seu próprio apaziguamento.

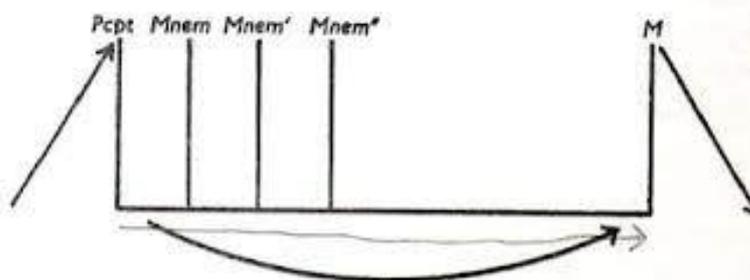


FIG. 2.

Percepção (Pcpc) e motilidade (M) tenderiam à extrema proximidade temporal como exigência de reação imediata ao que se percebe quando a vida está sob risco iminente. Por um lado, essa dinâmica empobreceria a atividade psíquica enquanto tal e, por outro, conectaria o corpo a agir tão prontamente quanto possível sobre uma realidade que o visa e o ameaça.

A embriaguez somatopsíquica, desencadeada por uma violência sofrida de modo pontual ou constante e regular, empurraria o psiquismo a reagir como instrução de sobrevivência diante do colapso sofrido ou iminente, inaugurando a instrução do 'tudo pode'. Ou, como uma outra voz de comando autoconservativa, muitas vezes também imperativa, que não admitiria hesitações, ou espera ou incertezas. Uma quase ordem para viver seja lá como for, ou custe o que custar.

Ao lado e contra o imperativo heterônomo Morra!, opunha-se o imperativo Viva!, como contraordem do psiquismo e persistência na preservação de alguma

¹ Recomendo fortemente a leitura do texto de Jamil Chade nesse número da Trivium, na seção debates, no qual ele relata, em detalhes, o lento e deliberado desprestígio que hoje pervade a ONU.

autonomia em ambientes degradantes, traumatogênicos e homicidas. Com ou sem sucesso, o psiquismo agiria para mitigar os riscos de morte, apelando para uma temporalidade sísmica que encurtaria ou aceleraria o tempo de reação e alcance das condições mínimas de sobrevivência. Agir rápida e eficazmente, por vezes, contra as atividades do pensamento, da criação, do convívio e exacerbando o senso de oportunidade poderiam garantir alguma sobrevivida diante da constante e presente ameaça.

Nesse ponto de desespero, reagir seria, paradoxalmente, o mais urgente e inteligente a fazer, dadas as condições de risco de vida constantes por fome, vergonha, submissão, tortura, pobreza, escravidão ou tudo isso junto. Primo Levi se recordaria então de um conselho que levou muito a sério que recebeu de um dos presos: Leve a boca tudo o que cair na sua mão!

Como estratégia de sobrevivência, não pense e nem hesite. Abrevie o quanto puder o tempo da percepção e da ação reflexa. Esqueça quem foi e o que é e submetase ao presente sulcado pela iminência de seu próprio desaparecimento. Aja rápido e com indiferença. Furte, roube, engane, minta, mate como estratégias para continuar vivo.

O risco de perecermos enquanto planeta, minorias e grupos de resistência e luta parece estar sendo suplantando por um vórtice de destruição planejado e deliberado que quando alcança governos, põe de joelhos antigas concepções de justiça, igualdade e civilidade que se mostram, por vezes pusilânimes e patéticas.

Vivemos de modo agudo e/ou crônico o clima e a concretização de projeções feitas no passado sobre o fim da vida na terra, momento no qual tudo se esgota e acaba. Isso não necessariamente em contexto de violência extrema, como nos campos de extermínio ou porões de ditaduras, mas paradoxalmente no cotidiano da vida ordinária, cujo fim se anuncia. E, nesse caso, encontramos a mesma dispensa da importância subjetiva dos laços eróticos, solidários e eticamente sustentáveis que plantam os afetos desordenados por um ‘salve-se quem puder’. Nesse grito desesperado e último, surfam os líderes autoritários, conclamando os mal-ditos da democracia para a sala VIP dos que detêm os dispositivos da força bruta.

Diferente da urgência em situações traumatogênicas nas quais sobreviver e manter a humanidade são extraordinariamente difíceis e, para alguns, uma tarefa; no salve-se quem puder atual e planetário, a corrida parece ser, a princípio, pela urgência de vantagens e lugares na janela, propiciados por lideranças exclusivistas e ditatoriais e, num segundo momento, pela punição aos discordantes. Comigo ou contra mim é apresentado com um pacote de vantagens, no primeiro caso ou, para os dissidentes ou não aderidos, restará tornar-se alvo da força bruta de exércitos, polícias e fanáticos de plantão.

Contudo e ainda assim, se recorrermos a testemunhos que relembram os acontecimentos passados no Brasil ditatorial, por exemplo, poderemos alcançar um efeito de síntese política na potente frase de Conceição Evaristo sobre o povo negro no Brasil: “Combinaram de nos matar e nós combinamos não morrer!”

Há nessa frase o sentido da urgência, há também a precipitação da morte adensada sobre as vidas e o corpo negro, praticadas por sucessivas políticas implícitas ou explícitas do Estado e governos, mas também haveria uma urgência em não morrer que só se elevaria sob o manto da clareza de que também é urgente resistir e imaginar-se juntos nessa resistência, embora ela seja, predominantemente, e também, solitária.

Combinamos de não morrer revelaria um dever, um princípio quase perdido, que restauraria o senso do devir, perdido diante do sofrimento atroz. Mas também uma

clareza flagrante sobre os planos de morte, degradação e dor guardados e endereçados para nós.

Retomo brevemente perguntas que foram largadas ao longo do texto *Totem e tabu* (1913) de Freud. A primeira que me ocupa com frequência nos últimos anos, faz par com essa afirmação de Conceição Evaristo. Para que os irmãos submissos se deslocassem da posição de obediência e matassem o tirano, um combinado teria que ter antecedido o assassinato. Um princípio de reconhecimento de um padecimento comum e a crença de que a morte do tirano não poderia ser executada solitariamente, mas também, como hoje, a presença de que muitas estão condenadas à morte se não agirmos politicamente agora.

Temos um combinado quanto a isso? Temos mais clareza do que os filhos do tirano tinham ao se erguerem na história proposta por Freud? Temos clareza, como tinham os filhos do tirano, do que nos assola? E poderemos, como eles, reagir a altura cumprindo com as consequências?

Não se trata mais da lei que tem sido agenciada desde o momento em que dos tabus derivaram as leis do direito penal, como sugere Freud. Essas leis, o ordenamento jurídico, tal como existem hoje carecem de justiça, como carecem de responsabilidade. Como condenar juízes que sentenciam e condenam por interesse próprio, de classe ou de partidos, milhões de pessoas no mundo usufruindo de sua posição intocável? Ou não condenam os que desfazem e destroem a sustentação das democracias por pusilanimidade e corporativismo?

Em *Totem*, Freud deixava entrever. Essa lei que, a princípio, inaugurava um ordenamento Tabu, é, entretanto, uma lei efeito de um ato sem responsabilidade e sem autoria. Quem matou o tirano? Quem planejou? Quem combinou? Então, longe de ser um ato heroico, o assassinato do tirano foi um ato sem responsáveis cujas marcas perduram na aplicação de leis (tabus) sem origem e sem responsabilidades. Leis que paradoxalmente nascem da impunidade. Mais tarde, sabemos, esse ponto se esclarecerá em *Psicologia das massas* (1921). O herói épico é aquele que empunha a própria palavra no seio da massa e assume a responsabilidade. Nada disso se passa no assassinato do tirano em *Totem*.

São sem número os testemunhos que atestam a experiência do estar juntas, juntar-se como forma de apoio, prótese vital ou única experiência contramassificadora explicitada no verbo combinamos. Estar, permanecer e poder estar juntas despertaria, de outro modo, um apelo de não massificação que restituiria alguma singularidade em meio à lama da indiferenciação e homogeneização radical. Estar juntas remeteria a compartilhar medos, impossibilidades e impotências ante as ameaças que vivemos em separado, mas que só poderemos enfrentar juntas. Contra a avassaladora massificação, a afirmação da singularização coletiva. Juntos na diferença, exercendo, idealmente, singularidades no seio de pluralidades. Estar juntas, enfim, sempre suporá riscos e responsabilidades.

Chegamos, então, ao momento no qual combinarmos viver tornou-se um imperativo, já tendo chegado o momento em que muitas e muitos estão assoladas há tempos pelo imperativo de viver a todo custo e a qualquer preço, e a elas todos os dias, outras se somam e se somarão.

Combinar viver é hoje um imperativo que nos interroga veementemente e instrui, se compreendermos que a persistência e o risco das tiranias nunca terminará e que a fraqueza que as constitui consiste em impedi-las de alcançar, por apoio popular, as máquinas governamentais para apontá-las imediatamente contra nós, os ingênuos e ainda crédulos das democracias. Nossa luta consiste hoje, no curtíssimo prazo, em bloquear a passagem dos tiranos aos governos e, no longo, imaginar formas de governo

e política invulneráveis a tais sequestros. Mas essa imaginação só se plantará, paradoxalmente, no esteio da criação que se justifica pela urgência de nos opormos às tiranias, vórtice que avança para gerar a impossibilidade completa de estarmos juntos.

Uma primeira e decisiva resposta se impõe, então, ante a possível implicação em qualquer reação, resistência e contra ação ante a pergunta: ainda queremos estar juntos? Ou o avanço do que fratura essa possibilidade está mais adiantado do que se supõe, tendo gerado uma indecisão quanto ao desejo dessa experiência. Deveríamos então perguntar se o avanço da força bruta e suas consequências, já não está minando e sequestrando o desejo e sentido de estarmos juntos, neutralizando o desejo e o exercício de salvarmos quem pudermos, para atender à pulsão de sobrevivência que grita isolada e solitariamente: salve-se quem puder.

Referências:

- Agamben, G. *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua*. Tradução e Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007
- Benjamin, W. (1935/1936) A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e historia da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (obras escolhidas, v.1), p.165-196
- Benjamin, W. (1935/1936) O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e historia da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (obras escolhidas, v.1),
- Butler, J. *Vida precária. El poder del duela y la violencia*. Trad. Fermín Rodríguez. Buenos Aires: Paidós, 2006
- Dias, M. M. *As vociferações e seus tratamentos possíveis*. Disponível em: https://voxinstituto.com.br/wp-content/uploads/2024/03/8-MMD-TEXTO-8-RESUMO-ABSTRACT-PRONTO-As-vociferacoes-e-seus-tratamentos-possiveis_compressed.pdf
- Endo, P. C. *O arquivo de sonhos de ex-prisioneiros de Auschwitz do Museu Memorial-Auschwitz Birkenau*. Percurso: Revista de Psicanálise, n.60, ano XXX: junho de 2018, p.89-96
- Endo, P. C. A ressurgência da política como elemento originário da política. In: *Psicanálise: confins/Memória, Política e Sujeitos sem Direitos*. São Paulo: Editora Blucher, 2022
- Freud, S. (1900) *A Interpretação do Sonhos*. Tradução: Renato Zwick. Revisão técnica e prefácio de Tania Rivera. Porto Alegre: L&PM, 2013
- Freud, S. (1913) *Totem e Tabu: algumas consequências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos*. Tradução: Renato Zwick. Revisão técnica e prefácio de Paulo Endo. Porto Alegre: L&PM, 2013
- Freud, S. (1920-1923) *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Levinas, E. *Totalidade e Infinito*. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2011
- Manso, B. P. *República das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro*. São Paulo: Editora Todavia, 2020
- Mbembe, A. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Notas:

1. <https://www.intercept.com.br/2020/07/03/hungria-turquia-russia-e-venezuela-mostram-que-o-autoritarismo-moderno-nao-precisa-de-golpe-militar/>
2. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/presidente-das-filipinas-afirma-que-e-preciso-disparar-na-vagina-de-mulheres-terroristas.ghtml>
3. <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/08/17/milei-por-milei-as-frases-mais-polemicas-do-candidato-ultradireitista-na-argentina.htm?cmpid=copiaecola>
4. <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/08/17/milei-por-milei-as-frases-mais-polemicas-do-candidato-ultradireitista-na-argentina.htm?cmpid=copiaecola>
5. I will never agree with statements that Poles as a nation participated in the Holocaust or Poland participated in the Holocaust. It humiliates us and hurts us. In my own family, there were people murdered by the Germans, and first and foremost [to say the contrary] waters down what really happened. Ver https://en.wikiquote.org/wiki/Andrzej_Duda
6. <https://www.libertaddigital.com/internacional/europa/2022-09-26/las-frases-mas-famosas-de-giorgia-meloni-lider-de-fratelli-ditalia-que-irritan-a-la-izquierda-6919047/>
7. <https://www.cartacapital.com.br/Politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>
8. <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/o-discurso-hitler.htm>
9. https://scielo.isciii.es/scielo.php?pid=S1885-52102021000400005&script=sci_arttext
10. <https://observador.pt/especiais/as-vezes-pagam-me-para-ser-um-pouco-selvagem-51-frases-inesqueciveis-de-trump/>
11. <https://observador.pt/especiais/as-vezes-pagam-me-para-ser-um-pouco-selvagem-51-frases-inesqueciveis-de-trump/>
12. <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2023/11/6657925-milei-presidente-eleito-da-argentina-diz-falar-seu-cao-morto.html>
13. Remeto a leitora ao artigo intitulado O arquivo de sonhos de ex-prisioneiros de Auschwitz do Museu-Memorial Auschwitz-Birkenau publicado em 2018, na revista *Percurso* número 60. Nele, examino as imbricações identificatórias oníricas da presença dos cães alemães (pastores alemães) nos campos de concentração e a selvageria canina que determina a vida nos campos.
14. Em 2018, publiquei artigo explorando a disfunção das falas nos campos e a semelhança entre os gritos dos soldados alemães e os latidos dos pastores alemães - ambos adorados por Hitler (*Percurso-Endo*, 2018). Não me ocorria, como agora, o desenvolvimento da ideia de contralíngua tal como a apresentei. Os latidos que se chocam contra os corpos para empurrá-los, coagi-los em lenta degradação pelo medo.
15. <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2024/09/18/esquerda-perde-por-wo-e-nao-lanca-candidatos-em-842-cidades-brasileiras.htm>

Citação/Citation: Endo, P. (2024). *Os mal-ditos da democracia. Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVI, no. esp.), pp. 21-33.

Recebido em: 03/09/2024
Aprovado em: 12/10/2024